



## Texto e contexto: *Ponto de Partida* (1976-1977)

**Palavras-Chave:** teatro brasileiro, ditadura militar, teatro épico.

**Autores:**

**Marco Antonio Pedra da Silva, UNICAMP**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa de Oliveira Neves Catalão (orientadora), UNICAMP**

---

### INTRODUÇÃO:

Do dia 01 de setembro de 2020 ao dia 31 de agosto de 2021, foi desenvolvida a pesquisa *A encenação de Ponto de Partida em 1976: um estudo dos elementos épicos brechtianos*, com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo 2020/08383-0. O projeto, como sugere o título, buscou estudar os elementos épicos brechtianos presentes na primeira encenação da peça *Ponto de Partida* (1976-1977), escrita por Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006) e dirigida por Fernando Peixoto (1937-2012). Todas as atividades realizadas ao longo da pesquisa obedeceram às normas sanitárias de controle à pandemia causada pelo novo coronavírus (COVID-19). Por isso, algumas delas, como a produção e apresentação de uma leitura dramática do texto estudado e a realização de uma entrevista com um ator da primeira encenação, ocorreram através de videochamadas.

No dia 25 de outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog (1937-1975) foi assassinado na Rua Tutóia, 921 - endereço do DOI-CODI do II Exército, na cidade de São Paulo. Depois de executar o crime, os militares do prédio tentaram se livrar da culpa pela morte do jornalista, alegando que foi Herzog quem tirou a própria vida. Essa versão, inventada pelos assassinos, revoltou os amigos e a família de Vladimir e também foi mote para a fábula da peça *Ponto de Partida* (ROVERI, 2004). A peça mostra a história de um poeta que é assassinado e tem um suicídio forjado. A assassina do poeta é uma mulher poderosa que não chega a pagar pelo crime que cometeu, sendo que a versão de suicídio torna-se judicialmente aceita. Já o caso de Herzog teve outro destino. Embora os seus assassinos também nunca tenham sido revelados ou penalizados, em 1978, o juiz Márcio José de Moraes considerou a versão do II Exército inválida diante das provas apresentadas pelos amigos de Herzog. A versão dos militares era respaldada por uma foto divulgada pelo II Exército em que o jornalista aparece enforcado por um cinto que estava atrelado a uma grade do DOI-CODI. A grade era baixa e as pernas do morto arrastavam no chão. Ele não poderia se enforcar em um cenário daqueles. Além disso, alguns jornalistas

presos pelo regime contaram que, ao chegar no DOI-CODI, os presos tinham que despir suas roupas e colocar vestes fornecidas pelo II Exército. Portanto, provavelmente Herzog não tinha acesso ao seu cinto quando morreu. Mediante às incongruências da versão dos militares, o veredito do juiz Moraes atribuiu à União a culpa pela morte do jornalista (ACERVO VLADIMIR HERZOG, 2020). Contudo, enquanto a primeira encenação da peça *Ponto de Partida* esteve em cartaz, a versão falsa do suicídio ainda era a versão oficial.

Analisando o texto de Guarnieri identifiquei elementos do teatro brechtiano - foram eles: a parábola, uma vez que a fábula da peça faz alusão a outra história (no caso, uma história real); a narratividade, propiciada em *Ponto de Partida* pelas cenas de inquérito, onde as personagens falam o que sabem sobre a morte do poeta, e também pela descrição que a personagem Aida faz do que acontece em cena a D. Félix, seu esposo, que é cego; o *gestus* social, que é tudo aquilo que é colocado em cena e que diz respeito a uma configuração social; e a música, que no teatro brechtiano pode servir para ilustrar o texto, fazer uma crítica e cumprir funções narrativas (Cf. BRECHT, 1978). Bertolt Brecht buscava:

implementar recursos que visavam levar o público a refletir sobre sua realidade política. Para que isso acontecesse, Brecht implementou o conceito de estranhamento/distanciamento em suas peças, recurso cênico que tem a função de levar o interlocutor a um estado de reflexão, ao relacionar a história que está sendo contada com a própria realidade social. (PEDRA; NEVES, 2021. p. 2).

Ao empregar esses recursos no texto de *Ponto de Partida*, Guarnieri reforçou o caráter político da obra. Na época da encenação, ele foi, além de autor, ator no espetáculo, e trazia em sua trajetória artística experiências com o Teatro Paulista do Estudante (TPE) e com o Teatro de Arena de São Paulo. Na primeira companhia, Guarnieri ajudou a levantar peças de cunho político, populares e nacionais (NEIVA, 2016). Na segunda, escreveu musicais que falavam de histórias reais (CAMPOS, 1998) - como *Arena conta Zumbi* (1965) e *Arena conta Tiradentes* (1967).

## **METODOLOGIA:**

Dei início à pesquisa lendo a bibliografia levantada no projeto enviado à Fapesp. Os assuntos desses materiais são referentes ao teatro moderno, à cena brasileira dos anos 70, à peça *Ponto de Partida*, à carreira de alguns artistas envolvidos na encenação e à vida e morte de Vladimir Herzog. Fiz fichamentos de todas as obras que li, destacando seus principais trechos para, depois, escrever um artigo com base na análise do material. No artigo produzido, analisei a presença dos recursos brechtianos na dramaturgia de *Ponto de Partida*. Citei anteriormente quais desses recursos encontrei na peça. São eles: o *gestus*, a narratividade, a musicalidade e a parábola. Pontuei os momentos em que esses recursos aparecem no texto e como eles contribuem para a mensagem política da dramaturgia.

Escrevi também um segundo artigo sobre a história da primeira encenação. Para tanto, usei a bibliografia do projeto e material histórico que encontrei sobre a montagem de 1976. Foram dez críticas da peça encontradas na Hemeroteca Nacional Digital e em outros acervos online; o programa, um áudio e fotos da peça encontrados no Centro Cultural de São Paulo (CCSP); e outras fotos, no Acervo Fernando Peixoto, Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC) da Fundação Nacional das Artes (Funarte).

Para poder reproduzir as fotos do CCSP e Funarte no segundo artigo, foi necessário obter a autorização de uso de



Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 1 - Cena do Espetáculo. Fonte: Acervo Fernando Peixoto/CEDOC/Funarte.

imagem dos artistas que participaram da peça. Precisei, então, entrar em contato com cada artista e também com a família daqueles artistas que já se foram. Essa foi uma experiência muito especial para mim e trouxe boas práticas que não estavam previstas no projeto da pesquisa. Foi através dessa ação, por exemplo, que, posteriormente, eu consegui “trazer para a Unicamp”, de forma virtual, os atores Othon Bastos e Antonio Petrin - que estavam no elenco de *Ponto de Partida* em 1976. Eles falaram sobre o teatro na ditadura militar em uma *Live* transmitida no canal do *YouTube* do *Laboratório de Dramaturgia e Escritas Performativas da Unicamp* (Lab. Drama/Unicamp). Othon e Petrin são figuras muito importantes na história nacional do teatro e recebê-los proporcionou a todos que assistiram o evento (comunidade interna e externa da Unicamp) a escuta do testemunho de duas memórias vivas do teatro brasileiro moderno. Além disso, para a escrita do segundo artigo, busquei outras informações sobre a peça ao entrevistar o ator Antonio Petrin, que entrou na encenação cerca de vinte dias depois da estreia, substituindo Sérgio Ricardo, que fazia o papel do Ferreiro. Petrin falou do processo de substituição, da bem sucedida bilheteria da peça, das dificuldades causadas pela ditadura e do prazer em estar ao lado de pessoas como Fernando Peixoto, Gianfrancesco Guarnieri, Othon Bastos... na feitura da peça. Também conversei informalmente com Ana Braga (atriz que também estava no elenco da montagem), coletando outras informações sobre a montagem. O artigo expõe o processo de criação do espetáculo, seu contexto histórico e a recepção da crítica e do público diante da encenação.

## RESULTADOS:

Entre os meses de fevereiro e maio de 2021, produzi uma leitura dramática do texto *Ponto de Partida* de forma online, junto com outros oito alunos do curso de Artes Cênicas da Unicamp.

Para a concepção da leitura, houve ensaios que aconteceram através de videochamadas. Cada pessoa do elenco gravou *takes* em suas residências, e estes foram juntados por edição de vídeo, criando uma obra audiovisual que foi disponibilizada gratuitamente no canal do *YouTube* do *Laboratório de Dramaturgia e Escritas Performativas* (Lab. Drama/ UNICAMP)<sup>1</sup>. Fui responsável pela direção da leitura e pela edição do vídeo produzido.



Figura SEQ Figura 1\* ARABIC 2 - Frame da leitura dramática produzida. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=1BGEqb4iruk&t=128s>> Acesso em 06 de agosto de 2021.

Escrevi um artigo que expõe o processo de criação dessa leitura dramática e nele apontei alguns desafios que o grupo enfrentou com as condições pandêmicas. Diante das circunstâncias, tivemos que aprender a lidar com a linguagem audiovisual e os atores precisaram - sozinhos - providenciar seus figurinos, encontrar cenários para gravar seus *takes*, pensar na iluminação, etc. A vontade do grupo era fazer a leitura presencialmente, se as condições sanitárias fossem outras, mas como a situação era essa, o grupo adaptou-se à linguagem virtual.

Foram, portanto, três artigos produzidos ao longo da pesquisa: um sobre a leitura, outro sobre a estética brechtiana presente no texto da peça e outro sobre a história da primeira encenação e os desafios enfrentados por causa da ditadura militar. Nenhum desses artigos foi publicado ainda, mas submeti dois deles para revistas que aceitam publicar trabalhos de graduandos e estou procurando uma terceira revista que também aceite esse tipo de trabalho para submeter o artigo mais recente (sobre a leitura dramática). Ademais, submeti para a Revista *Urdimento* a entrevista que realizei com o ator Antonio Petrin.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A estreia da primeira encenação de *Ponto de Partida* completará 45 anos no dia 23 de setembro de 2021. Alguns dos artistas que levantaram a obra já se foram, a exemplo do autor, o diretor e o músico da montagem. Este último foi Sérgio Ricardo, que morreu em 2020, vítima do novo coronavírus. Todavia, eles permanecem vivos nas memórias de seus colegas de palco, como pude constatar ao conversar com Antonio Petrin, Othon Bastos e Ana Braga, e na de seus espectadores, como revelou Ronaldo Marin em um comentário no *Facebook*. Os artistas da

<sup>1</sup> Este parágrafo é um trecho do resumo que submeti para o *10º Seminário de Pesquisas em Andamento* (SPA 2021), realizado pela Universidade de São Paulo (USP). Foi através dele que fui aprovado para fazer uma comunicação oral no evento no dia 06 de setembro de 2021.

primeira encenação foram ou são parte de uma geração que lutou pelo fim da ditadura militar, pela democracia e pela memória de Vladimir Herzog. A minha pesquisa buscou preservar a história da encenação, eternizando-a em artigos científicos e uma entrevista. Ela foi também uma investigação das ferramentas brechtianas utilizadas para fazer o público refletir sobre problemas que ainda hoje enfrentamos - como a litigância de má-fé, quando a verdade é distorcida nos tribunais para beneficiar uns e/ou prejudicar outros.

---

## REFERÊNCIAS:

ACERVO Vladimir Herzog. **Linha do tempo**, 2020. Disponível em:

<<https://www.acervovladimirherzog.org.br/cronologia.php?t=1>> Acesso em 06 de agosto de 2021.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

CAMPOS, Cláudia de Arruda. **Zumbi, Tiradentes**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAB. DRAMA. **Conversa sobre o teatro com Antonio Petrin e Othon Bastos - Lançamento da leitura: Ponto de Partida**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=1BGEqb4iruk&t=128s>> Acesso em 06 de agosto de 2021.

NEIVA, Sara Mello. **O teatro paulista do estudante nas origens do nacional popular**. 2016.

Dissertação (Mestrado em Teoria e Prática do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PEDRA, Marco, e NEVES, Larissa de Oliveira. **A encenação de Ponto de Partida em 1976**.

Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas (2021). v. 3. Resumo expandido publicado nos anais do evento.

ROVERI, Sérgio. **Gianfrancesco Guarnieri: um grito solto no ar**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura - Fundação Padre Anchieta, 2004.